

Eleição de julho

Brasil critica veto chavista a candidata de oposição e regime Maduro reage

— Itamaraty sobe o tom após Corina Yoris não conseguir registro; Caracas responde e diz que crítica brasileira parece ter sido redigida pelo Departamento de Estado dos EUA

CARACAS

O Itamaraty criticou ontem pela primeira vez a ditadura de Nicolás Maduro por impedir a inscrição da candidata opositora Corina Yoris nas eleições de julho. O chavismo reagiu, dizendo que a nota da diplomacia brasileira parecia ter sido ditada pelo Departamento de Estado dos EUA.

Yoris foi indicada para substituir María Corina Machado, líder da coligação Plataforma Unida Democrática (PUD), que venceu as primárias, mas foi inabilitada por 15 anos. Segundo o regime, ela participou de esquema de corrupção. Durante a última semana, a PUD reclamou que não conseguia acessar o sistema do Conselho Nacional Eleitoral (CNE). O prazo para inscrições acabou à meia-noite de segunda-feira.

FOGO TROCADO. Em nota, o Itamaraty disse que permanece contra as sanções à Venezuela, mas que acompanha “com preocupação” o desenrolar do processo eleitoral. “Com base nas informações disponíveis, a candidata indicada pela PUD, sobre a qual não pairavam decisões judiciais, foi impedida de registrar-se, o que não é compatível com os acordos de Barbados”, disse a nota brasileira, em referência ao compromisso que Maduro assumiu de realizar uma votação livre e justa. “O impedimento não foi, até o



Maduro comanda carreatas após registrar a candidatura em Caracas: luta para permanecer no poder

momento, objeto de qualquer explicação.”

Em seguida, o chanceler venezuelano, Yván Gil, repudiou a declaração do Brasil e disse que o comunicado parecia ter sido ditado pelo Departamento de Estado dos EUA, “onde são emitidos comentários carregados de profundo desconhecimento e ignorância sobre a realidade política na Venezuela”.

“A Venezuela não emite juízo de valor sobre os processos políticos e jurídicos que ocorrem no Brasil. Em consequência, tem moral para exigir o mais estrito respeito ao princípio de não interferência em as-

Procurador acusa dissidentes de tentar assassinar Maduro

O procurador-geral da Venezuela, Tarek William Saab, afirmou ontem que dois apoiadores do partido Vem Venezuela, da líder opositora María Corina Machado, serão acusados de tentativa de homicídio contra o presidente Nicolás Maduro.

De acordo com Saab, os dois foram presos durante o evento de inscrição da candidatura de Maduro, na segun-

da-feira. Eles teriam sido abordados “em atitude suspeita” em meio a simpatizantes chavistas, a cerca de 20 metros do local onde estava o presidente. Os dois portavam armas de fogo.

Ambos serão apresentados à Justiça, segundo Saab, e acusados dos crimes de terrorismo, associação, tentativa de magnicídio, instigação ao ódio e porte ilegal de arma de fogo em local proibido. Os dois dissidentes teriam confessado o crime durante interrogatório na polícia. ● AP

suntos internos”, disse Gil, que ao mesmo tempo agradeceu Lula por condenar as sanções dos EUA.

O chavismo não explicou por que Yoris foi barrada, enquanto outros candidatos conseguiram se inscrever. Um deles foi Manuel Rosales, governador de Zulia, do partido Um Novo Tempo. Ele apoiava María Corina, mas decidiu se lançar no último instante, segundo ele, para garantir que a oposição tivesse um candidato. María Corina não apoiou Rosales. “O regime escolheu seus candi-

Troca à vista Partido de María Corina disse ter feito registro provisório e Urrutia pode ser substituído por Yoris

dados”, disse ela, insistindo no apoio a Yoris.

Quando parecia que o cenário estava definido, a PUD anunciou que finalmente havia conseguido inscrever um candidato: o diplomata Edmundo González Urrutia. A inscrição foi feita graças a uma extensão do prazo concedida pelo CNE.

A aliança de María Corina disse ter feito um registro provisório e Urrutia poderia ser substituído após o dia 1.º, segundo a lei eleitoral. Além de Urrutia, Rosales e Maduro, outros dez candidatos se inscreveram, entre eles Daniel Ceballos, que passou quatro anos preso. ● AP, AFP e EFE

Principais nomes

Nicolás Maduro

Presidente da Venezuela

É presidente desde 2013, quando substituiu seu padrinho político, Hugo Chávez, que morreu de câncer. Trabalhou como motorista de ônibus no sistema de transporte coletivo de Caracas, foi líder sindical, chanceler e vice-presidente de Chávez. Em 2013, disputou sua primeira eleição contra Henrique Capriles e venceu apertado (51% a 49%). Em 2018, foi reeleito com 67% dos votos.



Manuel Rosales

Um Novo Tempo (UNT)

Surgiu na política venezuelana como candidato à presidência em 2006, quando concorreu contra Hugo Chávez e foi derrotado (63% a 37% dos votos). Na oposição, é visto com desconfiança em razão do contato com Maduro desde que se tornou governador de Zulia. Ele diz que se lançou de última hora para que a oposição tivesse um candidato. “Não queria deixar o campo apenas para Maduro”, disse.



Corina Yoris

Plataforma Unitária Democrática

Filósofa e professora, foi anunciada como substituta de María Corina Machado, principal nome da oposição. Aos 80 anos, parece ter caído de paraquedas na disputa, embora tenha sido o nome unido por María Corina. Yoris, no entanto, não conseguiu seu registro, sem nenhuma explicação das autoridades eleitorais. Não se sabe ainda se poderá substituir Edmundo González Urrutia, após 1.º de abril.



Edmundo González Urrutia

Plataforma Unitária Democrática

Diplomata venezuelano, analista internacional, com mestrado em relações internacionais pela American University, em Washington. Foi diretor-geral de política internacional da chancelaria, embaixador da Venezuela na Argentina e na Argélia. Urrutia fez parte do conselho editorial do jornal *El Nacional*. Foi inscrito de maneira provisória pela PUD, na esperança de ser substituído por Corina Yoris.



Daniel Ceballos

Aliança Renovação e Esperança

Ex-líder estudantil, foi prefeito de San Cristóbal e deputado de oposição, destituído pelo Tribunal Supremo de Justiça por participação nos protestos de 2014, quando foi preso. Permaneceu trancafiado até 2018 no Helicoide, uma das mais temíveis cadeias da Venezuela. Durante o cárcere, recebeu do Parlamento Europeu o Prêmio Sakharov pela defesa dos direitos humanos.



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Internacional Caderno: A Página: 11